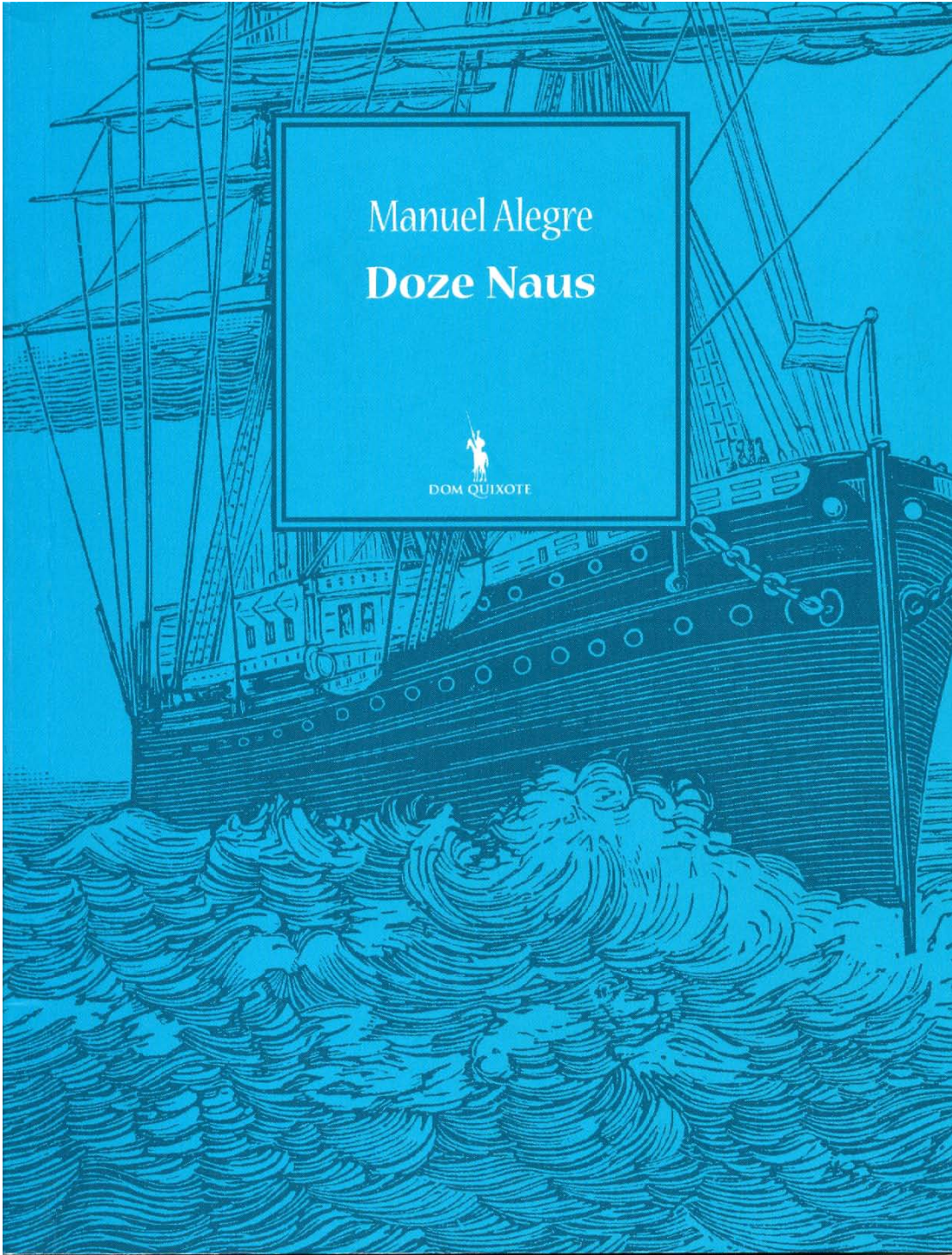


Espaço e paisagem em *Doze Naus* de Manuel Alegre

José Ribeiro Ferreira*

Universidade de Coimbra

RESUMO: O trabalho procura analisar o espaço e a paisagem no último livro de poemas de Manuel Alegre, *Doze Naus*, em especial os espaços e paisagens greco-romanos. São muitas as composições que têm um espaço ou paisagem subjacente. Sobretudo nota-se grande insatisfação e uma busca constante de um lugar, da Ítaca ideal que nunca é o sítio em que se está ou chega. Relembro, a título de exemplo, o poema “Mar absoluto” em que as naus de Ulisses partem, «navios a sair do cais / para outro espaço outro crepúsculo outra aurora». E todas falham, com exceção de uma que chega ao seu destino, entra pela poesia dentro e o poeta é esse navegar, é «o que procura mesmo se ninguém responde», é «o que pergunta pelo mar». Outro exemplo elucidativo é o poema “A curva”, que é o ponto ou sítio onde «alguém tem de aparecer», porque a «vida toda» é «sonho a esperar sempre / naquela curva não importa quem».



A cultura clássica é rio que corre há mais de dois mil anos sem cessar, nunca o mesmo e nunca igual. Aluviões constantes, transmitidos ao longo dos tempos, adubam os produtos e criações da mente humana, sempre novos, sempre outros. E o baú da memória da humanidade recolhe os estratos sucessivos que aí ficam depositados e aí permanecem pujantes e vivos, sempre prontos a ser desfiados à mínima alusão ou associação.

O livro de poemas *Doze Naus* de Manuel Alegre é mais uma expressão desse rio que não pára de fluir. E nele as paisagens de Tróia, de Ítaca, de Lisboa, do Tejo, de Portugal aparecem como espaço ou teatro da vida de Ulisses, do poeta, do povo português. E todos eles se inter cruzam, se identificam, como paisagens, espaços e símbolos de Portugal e do temperamento português.

Em *Doze Naus* o mito de Ulisses permanece essencial. E, ao longo do livro, o poeta continua a sua busca insatisfeita. São inclusive tópicos insistentes – em especial nos poemas iniciais e nos finais – o mar, o barco, o rio, o vento. O próprio título do livro tem subjacente o número de barcos comandados pelo herói homérico na expedição contra Tróia, como vem referido no Canto 2 da *Ilíada*, no célebre episódio do “Catálogo das naus” (vv. 631-637). Traduzo os versos em causa:

Por sua vez Ulisses comandava os magnânimos Cefalénios,
que habitavam Ítaca e o Nériton de folhas agitadas pelo vento,
e administravam Crocileia e a áspera Egílope;
os que detinham Zacinto e habitavam Samos,
os que possuíam o continente e habitavam a orla marítima.
Era seu comandante Ulisses, igual de Zeus no na prudência.
E com ele seguiam doze naus de cascos vermelhos.

De Tróia essas mesmas doze naus partiram com o herói de regresso a Ítaca (*Odisseia* 9. 159), embora a maioria delas sofresse a destruição (*Odisseia* 10- 127-132).

E esse número doze de naus aparecerá em vários poemas desta colectânea de Manuel Alegre. Em “Mar absoluto” (p. 19) – poema que parece repercutir “Mar português” de Fernando Pessoa e que abordarei adiante com mais pormenor – o sujeito vê «as doze naus de Ulisses ou talvez / a vida toda nesse breve instante / em que disseste mar pela primeira vez», as «doze proas pintadas de vermelho» (p. 20). O número de naus e a sua cor voltam a ser especificados no poema seguinte, intitulado precisamente “Doze naus pintadas de vermelho” (p. 22). Nele o poeta – identificado com Ulisses e com o povo português, como é usual no autor de *Senhora das Tempestades* – confia embarcar «nas doze naus pintadas de vermelho» que estão fundeadas, «paradas em frente da cidade de Príamo». Agora, porém, Ulisses está ferido e sentado, a pensar nas palavras que dirigiu ao guerreiro inimigo Soco, «sobre a morte e o obscuro destino», enquanto espera que chegue o médico

..... para estancar o sangue
que lhe corre da coxa para o meio da página
junto das doze naus pintadas de vermelho.

O poema tem subjacente o passo do Canto 11 da *Ilíada* (vv. 426-488) em que Ulisses é atingido por Soco para vingar a morte do irmão Cárops, rasgando-lhe o flanco com a lança (v. 437) de onde o sangue jorra (v. 458). O Cefalénio, apesar de ferido, mata então Soco e dirige-lhe palavras duras, onde aparece referência expressa

à morte e ao negro destino (v. 443: *phonon kai kêran mélainan*) que o espera, tópico também presente no poema de Manuel Alegre. Cito os versos em tradução de Frederico Lourenço (vv. 441-455):

“Desgraçado! Agora veio ao teu encontro a morte escarpada!

Decerto me impediste de guerrear contra os Troianos;

mas a ti declaro eu que a morte e o escuro destino

te virão neste dia: pela minha lança subjugado,

trar-me-ás a glória; ao Hades de nobres poldros, a tua alma.”

Falou; e o outro recuou e lançou-se na fuga.

Enquanto se voltava, nas costas entre os ombros lhe fixou

Ulisses a lança, que lhe trespassou o peito.

Tombou com um estrondo e sobre ele exultou o divino Ulisses:

“Ó Soco, filho do feroso Hípaso, domador de cavalos!

Rápido te sobreveio o termo da morte; não lhe escapaste.

Desgraçado! Teu pai e tua excelsa mãe não te fecharão

os olhos na morte, mas as aves de rapina que devoram

carne crua te dilacerarão, batendo todas cerradas as asas

à tua volta. Por mim, se morrer, sepultar-me-ão os Argivos.”

Mas a intertextualidade do Canto 11 da *Ilíada* no poema “Doze naus pintadas de vermelho” é mais densa do que a simples referência a Soco e ao ferimento de Ulisses. Nesse teatro de guerra sem quartel que o Canto 11 do poema homérico descreve, os ferimentos dos combatentes aqueus são constantes (Agamémnon,

Diomedes, Ulisses, Eurípilo). Quem os consola e os socorre com o apoio do médico Macáon é Nestor, o ancião Nestor de Gerénia. E a esse pormenor alude o poema de Manuel Alegre, ao especificar que Ulisses pensa nas palavras ditas a Soco,

à espera que Nestor de Gerénia o Velho
traga o médico (talvez Mácoon) para estancar o sangue

Vejamos o poema na íntegra, que é dedicado a Teresa Rita Lopes:

Embarcarei nas doze naus pintadas de vermelho
paradas em frente da cidade de Príamo
as doze naus de Ulisses que por enquanto
ainda ferido está sentado
pensando nas palavras que disse a Soco
sobre a morte e o obscuro destino
à espera que Gerénia o Velho
traga um médico (talvez Mácoon) para estancar o sangue
que lhe corre da coxa para o meio da página
junto das doze naus pintadas de vermelho.

O final do poema dá um contexto e estabelece um espaço de ficção. O sangue que mana da coxa de Ulisses corre afinal para o meio da página, colocado portanto no domínio da criação poética.

Em 2001, publiquei pequeno opúsculo sobre os temas clássicos na poesia desse poeta, a que dei o título de *Manuel Alegre: Ulisses ou os caminhos de eterna busca*, em que mostrava ser o mito do filho de Laertes central, talvez mesmo o mais importante na obra do autor de *O Canto e as Armas: Ulisses* — que castiga a insolência e injustiça e apresenta como ideias centrais o exílio e a errância, quer físicos, quer interiores — aparece de modo geral equiparado ao sujeito poético e ao

povo português. Sujeito poético, povo português, figura mítica deixaram o seu espaço natural e as paisagens natais para longo tempo andarem errantes por diversas terras e povos e por fim regressarem à sua terra, a Ítaca que em Manuel Alegre, com muita frequência, aparece como a terra pátria e também como algo de ideal (a ilha que fica sempre mais a sul, a tão azul, como diz em *Um Barco para Ítaca*) que a insatisfação humana sempre busca sem jamais a encontrar, porque a Ítaca que se procura nunca é a aquela a que se chega.

E, como Ulisses se identifica com o povo português, o sangue que corre da ferida simboliza o sangue e o sofrimento de Portugal. Um sofrimento equacionado em vários momentos da nossa história que marcaram o ser português. Um sofrimento que o fio da memória vai desdobando ao longo de *Doze Naus*. É sobre esse espaço Ítaca-Portugal que Ulisses-poeta pensa, desejando – é evidente – que nele reflectisse também o povo português. Essa é a preocupação do livro do princípio ao fim.

O poema “À sombra das árvores milenares”, abertura da colectânea (pp. 13-14), refere-se ao que poderíamos chamar fim do império português, com a guerra e a independência das últimas colónias portuguesas – acontecimentos dolorosos e que deixaram marcas profundas. O poeta designa-os como a «última viagem de Portugal», espécie de refrão que se repete ao longo do poema, no fim de cada estrofe, a concluir diversos momentos dessa luta, bem gravados na memória colectiva: o corpo que cai, o cheiro a pólvora misturado com sangue e terra, «o sabor da morte na última viagem de Portugal»; o zumbir da bala, o jipe que rola na picada, «um jipe sem sentido / na última viagem de Portugal»; o silvo da cobra, o aproximar da onça, a ferida de bala que não fecha «na última viagem de Portugal». E o poema termina a lembrar que desse tempo frágil de vida, de proximidade com a morte e de amores perdidos, permanece a memória densa e intensa – a ferida interior e o ser, afinal o que resta da «última viagem de Portugal»:

Soberbo e frágil tempo
intensa vida à beira da morte
amores de verão amores de guerra amores perdidos.
Uma ferida por dentro um tinir de cristal
passaram os anos o ser permanece.
Fiz a última viagem de Portugal.

Concluída essa “última viagem”, Portugal fica reduzido ao retângulo inicial – também à memória desse outro espaço pelos quatro cantos repartido e à muita História – geralmente grafada com maiúscula – que por vezes sufoca, como refere o poeta em outras ocasiões. Por exemplo, “Mar absoluto” (p. 21) fala da História que foi demais e do seu peso que fez de Portugal um «agora outrora». O mesmo sentimento ou anotação se encontra no poema “País de muito mar” (p. 18), em que a paisagem é muito mar, «muito passado e muita História», mas em que o espaço e o tempo para si próprio, para se realizar é cada vez menor: país de «cada vez menos memória», «país que já não sabe quem é quem», país que passa «para a margem / onde já não quer chegar» e para «o outro lado de si mesmo», «país a passar».

De qualquer modo há guerras demasiado dolorosas, que parecem não acabar pelas sequelas que deixam, sempre a ecoar na memória. «Há guerras que não acabam: a nossa dói» corrobora o poema “Sobre as colinas de Lisboa” (p. 15), que assenta nos símbolos do barco, do rio, do porto e insiste nas noções de ausência e distância, de partida e regresso. É uma composição em que o sujeito poético observa o que o rodeia e vê-se «como se fossem várias vidas e outros eus» ou «a alma se mudasse e a própria pele». E assim fragmentado, dividido, disperso, olha o Tejo, «ponto de partida» e

porto simbólico do destino de um povo, aonde um barco chega e de onde outro sai, como se a vida fosse «tempo que se escoia» e o próprio sujeito fosse quem ficasse e quem partisse:

Sobre as colinas de Lisboa a noite cai
e eu olho o Tejo ponto de partida.
Há um barco a chegar outro que sai
assim fui eu. Também assim a vida
e tudo que se tem é tempo que se escoia
eu próprio sou quem fica e sou quem vai
melancolia ausência despedida
olhando o Tejo das colinas de Lisboa.

E nesta sensação de fluir da vida e «tempo que se escoia», neste sentimento de melancolia e de ausência, o poeta procura o fio das coisas e quanto mais se busca mais se dispersa «sobre as colinas de Lisboa olhando o rio / e o tempo que passou». Nesse rio ainda vê os barcos, mas agora «já não vão e são o Tejo».

Com recurso ao tema heraclítico do rio que nunca é o mesmo, ou de que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio – a expressão do poema é precisamente «ninguém passa duas vezes no mesmo Tejo» – a paisagem metafórica de Lisboa e do Tejo simboliza o espaço em que o povo português se revê, contempla o seu destino, o seu percurso histórico: e esse fluir mudou as coisas e o contexto, fazendo que fosse, ao mesmo tempo, «a mesma paisagem e outra paisagem», porque o tempo «não perdoa». E assim o sujeito poético – não esqueçamos a identificação com o povo

português ou Portugal –, ao olhar para trás, já se não vê ou reconhece, porque ninguém volta ou passa duas vezes no mesmo Tejo, uma ideia sublinhada ao longo do poema:

Olhando para trás já me não vejo
sou a minha própria ausência nas colinas de Lisboa
ninguém passa duas vezes no mesmo Tejo.

As duas últimas estrofes insistem nesta tónica, mas introduzem-lhe uma cambiante. Referem que «fragmento a fragmento a memória entoa / a passagem do grande rio do esquecimento», que não resta senão gesto ou rastro, de que tudo «vai no vento / e ninguém volta nunca ao mesmo Tejo»; que ninguém refaz o passado, que Portugal se perdeu no passado, nos muitos que foi, e necessita de se encontrar nos muitos que se dissolveram no passado ou nos pedaços e fragmentos em que se transformou.

O passado e o presente conjugados
todo o tempo vivido se desvaneceu.
Ninguém refaz os passos já passados
não sei quantos fui nas voltas que o mundo deu
nem um só posso dizer que não me soa
a pedaços de mim no tempo fragmentados.
Por isso me pergunto quem sou eu
olhando o Tejo das colinas de Lisboa.

Quer a formulemos a olhar «o Tejo das colinas de Lisboa», quer a façamos em qualquer outra parte do país, persiste a pergunta do poeta – ou de Portugal – e profundamente nos interpela: «quem sou eu»? Também pode assaltar-nos, no fim deste breve percurso pelo poema “Sobre as colinas de Lisboa” – ou pelo menos não deixa de ter certo sentido – uma interrogação: Não estará o poeta a questionar a visão de Portugal, a partir das colinas de Lisboa, ou seja dos seus espaços?

O poema “Mar absoluto” (pp. 19-21) tem por tema o mar que profundamente marcou o ser português e corporiza o espaço abstracto e destino de um sujeito que é Portugal: ou, na formulação do poeta, «diz-se mar e é um destino». No poema o mar é o espaço de onde sopra ou bate o vento, de onde vem a doce vogal, o ritmo e o tom da escrita, as auroras e crepúsculos; espaço onde «a curva da terra se presente»; espaço que é o que foi e o que há-de ser, que «é pai e mãe», «princípio e fim»; espaço que dá sinal a quem o saiba ler. Mas o mar é também um país que se perdeu e que foi palco ou via para guerras dolorosas. Uma presença frequente na poesia de Manuel Alegre é a jornada de D. Sebastião a África que termina na Batalha de Alcácer Quibir. É o caso, por exemplo, de “A batalha de Alcácer Quibir”, poema final do Canto I e todo o Canto II de *O Canto e as Armas*, intitulado “Continuação de Alcácer Quibir”¹.

O desastre de Alcácer Quibir é tema que também marca presença em “Mar absoluto”, nesta alusão em que se estabelece subtil identificação entre o rei caído no areal, o país e o poeta:

Não me venham dizer que o mar não dá sinal

no mar já navegado há um mar que ninguém leu

¹ - Realça a importância deste tema na obra poética de Manuel Alegre Eduardo Lourenço no “Prefácio” que escreveu para a *Obra Poética* (Lisboa, 1999), pp. 38-42.

mesmo que a página seja um areal
onde um rei está caído. Ou um país. Ou talvez eu

E assim é um peso a História de Portugal, uma ferida dolorosa que não pára de sangrar. Uma História que foi demais e tornou Portugal um «agora outrora» e «memória que dói», porque o que buscava naufragou – seja o mundo, seja o que ele é e o define:

Um peso em mim: a História foi demais.
País do mar. Agora outrora.
E todos os navios a sair do cais
para outro espaço outro crepúsculo outra aurora.

Por isso diz-se mar e é um destino.
Ou memória que dói. O Mundo. Este que sou.
O marinheiro volta a ser menino
mas o que ele buscava naufragou.

Desse espaço – ou mar metafórico, que é Portugal e povo português – partem as naus, as doze naus de Ulisses, «navios a sair do cais / para outro espaço outro crepúsculo outra aurora». E todas falham, pois o que se buscava naufragou: mesmo que o marinheiro volte a ser menino, que ainda haja mar e «outro azul no espaço» e que o sujeito, ou país, disponha «o mapa de outro longe e outros lugares», as naus falham o objectivo, porque esse longe procurado ou a Ítaca que se busca naufragou.

De novo presente, uma das marcas da poesia de Manuel Alegre: a insatisfação permanente, e constante busca de um local ou de algo que não se atinge nunca – ou a busca da desejada Ítaca que nunca é aquela em que se está ou chega. Daí que um poema seu, precisamente intitulado “Regresso a Ítaca” e já por mim tratado², conclua com este significativo verso: «Por isso o teu exílio é sem remédio.»

É natural pois que as naus, uma após outra, falhem o destino – aliás como no poema homérico *Odisseia*, onde os Lestrígonos atacam a armada de Ulisses com enormes pedras, esmagando-as (10. 127-132), e das doze naus que o seguiam o herói apenas consegue salvar a sua – ou seja, a nau capitana – cortando as «amarras da nau de proa escura», enquanto todas as outras foram destruídas no local onde se encontravam fundeadas (v. 132). Natural também que, apesar de saber que o exílio é sem remédio e ter consciência de que Ítaca naufragou, a busca continue. E, como na *Odisseia*, há uma excepção nas doze naus que partem: uma delas chega ao seu destino, entra pela poesia dentro – ou seja estamos de novo no domínio da ficção e da criação artística. E o poeta é o navegar dessa nau, é «o que procura mesmo se ninguém responde», é «o que pergunta pelo mar», é o que inquire sobre o futuro:

E eis que de súbito há uma nau capitana
pela página dentro. E sou Bartolomeu
sou a Índia perdida e a saga lusitana.
Um barco na memória. Esse barco sou eu.

Sou aquele que partiu e o que não foi.

² - Manuel Alegre: *Ulisses ou os Caminhos de Eterna Busca* (Coimbra, 2001), p. 45-47. O poema faz parte da colectânea *Chegar Aqui* (1984), in *Obra Poética* (Lisboa, 1999), pp. 535-536.

Sou o que lembra e o que se esquece. Um rastro
no caminho. Um rastro. E mar que dói.
Sou o último gajeiro no topo do mastro.

Sou o que busca a palavra onde se esconde
uma pergunta sem resposta. Sou esse navegar.
Sou o que procura mesmo se ninguém responde
e sou o que pergunta pelo mar.

Permita-se-me apenas, a concluir, a citação e breve alusão ao poema “A curva” (p. 87), o último do livro, que é outro exemplo elucidativo de busca constante, de questionação permanente e nunca satisfeita. A curva é espaço abstracto e simbólico que nos separa do desconhecido, do incerto; a curva é o ponto ou sítio onde «alguém tem de aparecer», porque a «vida toda» é «sonho a esperar sempre / naquela curva não importa quem», mas alguém que «há-de aparecer» e que aponte um aquém ou um além, ou mesmo simplesmente e só «o horizonte / daquela curva onde se espera alguém». O poema é constituído por três quadras em rima cruzada (ABAB), onde se insiste no indefinido “alguém”, a cada passo em anáfora (início das estrofes 1 e 3, bem como a começar o verso 3 da estrofe 2), e onde as aliteraões surgem em vários versos (s nos versos 4, 5, c ou q no 6 e a no 9). Transcrevo o poema:

Alguém tem de aparecer naquela curva
mesmo que se não saiba o que é depois
se estrada larga ou morte ou água turva
se solidão ou um a ser já dois.

A vida toda em sonho a esperar sempre
naquela curva não importa quem
alguém que diga o quê e saia ou entre
ainda que depois não mais ninguém.

Alguém há-de aparecer alguém que aponte
quem sabe se um aquém ou se um além
ou nada mais senão o horizonte
daquela curva onde se espera alguém.